Ano XII ••• Nº 362 ••• Uberaba/MG ••• Outubro de 2010

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Especial eleições 2010

Decibeis
Propaganda política incomoda

09

Jovens eleitores
Educação e meio ambiente são prioridades

16

Mesários
Conheça o trabalho dos guardiões das urnas

14

Batalha pelo voto

Usos e abusos de uma #campanha eleitoral que vai entrar para a história

issuu-downloader.com

A mágica da multiplicação dos votos

Cristiano Ximenes Senhorini
4º período de Jornalismo

Durante estas eleições muitas pessoas trabalham na campanha direta nas ruas. Elas, no entanto, são bem mais do que simples divulgadoras. Agitam bandeiras, colam adesivos, distribuem panfletos. E muito mais do que isso, multiplicam votos. Para sustentar este raciocínio, explico.

É de se esperar que uma pessoa que passe três meses, literalmente, vestindo a camisa do candidato e pedindo votos para ele, vote nele também. Inocência sua, caro eleitor, imaginar que um candidato não dá como certo ao menos o voto de seus funcionários. E, dupla inocência, imaginar que o candidato desconheça que esses funcionários possuam familiares, e que estes, felizes pelo trabalho dos parentes,

> Não se esqueça de pensar se vai votar em quem você acredita

e mesmo incentivados pelo seu ânimo, também possam votar nele. Se levarmos em conta que o tamanho médio da família brasileira é de quatro componentes, já temos quatro votos por funcionário. Somando amigos e conhecidos, que também são influenciados, pronto: está feita a mágica da multiplicação dos votos.

Por isso, domingo, quando estiver indo votar e imaginar o motivo de tanto gasto de campanha em faixas e bandeiras e se alguém, por acaso, vota em razão delas, lembre-se dessa mágica. E se, ainda por cima, você tiver um parente ou amigo que trabalhou na campanha de algum político, não se esqueça de pensar se vai votar em quem você acredita ou se vai apenas ser um assistente nesse truque.

Vote consciente e seja eficiente

Cely Quintiliano
2º período de Jornalismo

Mais uma vez, o cidadão brasileiro se depara com a necessidade de voltar às urnas para escolher seus ilustres representantes, democraticamente. As eleições do dia três de outubro representam a escolha de um novo presidente da República, de 27 governadores, 54 senadores, 513 deputados estaduais e federais.

Infelizmente, poucos brasileiros sabem, mas o voto depositado na urna tem grande poder. Poucos sabem também (e os que sabem - os políticos – parecem se esquecer) de que são eleitos e pagos por nós, com nossos impostos, para tomarem decisões que atendam aos nossos interesses.

Uma rápida reflexão sobre o significado da palavra mandato fará com que cada cidadão não conceda o poder de governar a qualquer um. Segundo o dicionário, mandato é a "autorização ou procuração que alguém confere a outrem para, em seu nome, praticar certos atos". Significa que você, eleitor, não deve conceder mandato a quem não conhece ou não merece.

É fato que a política no Brasil está cada vez mais decadente. É fato também que a culpa não é exclusiva dos políticos. A culpa também é nossa, eleitores brasileiros, que nos omitimos, não cobramos nossos mandatários, como outra forma de exercer a democracia.

Ignorância política é atestado de ingenuidade. O clique na urna afeta a sua vida, a minha vida e a de toda sociedade. Se você quer mais do que parede em hospitais, mais do que centavos em salário, mais do que estatísticas de empregos, mais qualificação para os educadores, menos violência na cidade e no campo, faça sua escolha consciente.

Não nos deixemos enganar... Ainda está em tempo de pesquisarmos e escolhermos aqueles que melhor nos representarão, que criarão leis e cuidarão de nossos interesses como se fossem nós mesmos, afetando nossas vidas diretamente.

Lembre-se de que, depois do resultado das eleições, se você considerar seu mandatário preguiçoso ou pouco eficiente não será possível revogar a procuração. Pelo menos pelos próximos oito anos para senadores e quatro anos para os demais cargos.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (7º período/Jornalismo), Jr. Rodran (4º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura (7º Período/Publicidade e Propaganda) ••• **Estagiário:** Thiago Borges (6º período/Jornalismo) ••• **Colaboração:** Thiago Ferreira (6º período/Jornalismo) ••• **Equipe:** Júlia Magalhães (3º período/Jornalismo)••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Eleitor vota seis vezes

Entenda as funções de deputados federal e estadual, senadores, governador e presidente

Carlos César
4º período de Jornalismo

Foto: Divulgação

Mais de 22 mil candidatos disputam as eleições 2010

O Brasil passa, neste ano, por um período de transição eleitoral. Muitos são os cargos, assim como a responsabilidade do eleitor ao votar.

Cerca de 22.550 candidatos estão na corrida pelos cargos de deputados federal e estadual, senadores, governador e presidente .

Em meio às propostas e promessas, fica uma pergunta: será que o eleitor sabe, de fato, a função a ser desempenhada em cada cargo político?

A estudante Adriana Santin diz que conhece o que os deputados federais e estaduais fazem e também quantos serão eleitos em Minas Gerais. "Aqui no estado, serão eleitos 77 deputados estaduais, que devem ficar de olho no governador e nos secretários. Esses deputados têm como objetivo criar leis e auxiliar os municípios a crescer. Já os deputados federais devem fiscalizar o trabalho dos senadores, também criando leis para ajudar o país", diz a estudante.

> "Seria bom se tivéssemos mais informações sobre os cargos, e não apenas na época de eleição

Em 2010, Minas Gerais elegerá 53 deputados federais. Esse número varia de estado para estado.

Caroline Gorczveski é universitária e conta que conhece bastante sobre os cargos. Ela diz que fazendo trabalhos sobre política acabou se interessando pelo assunto e isso influenciou na escolha dos seus dois candidatos a senador.

"O senador tem o papel de fiscalizar o presidente e seus ministros, além de votar em leis que devem ajudar o povo. Neste ano, iremos eleger dois senadores. Isso porque cada estado tem direito a três representantes no Senado. De quatro em quatro anos, mudamos a quantidade de eleitos para que haja sempre o equilíbrio. Ao fim dessa eleição, teremos 54 senadores eleitos. E, na próxima, apenas 27 senadores eleitos".

A universitária também dá aula sobre o papel do governador.

"O governador é o chefe do Estado. Deve administrar a região, atendendo aos pedidos dos deputados estaduais e do governo federal. O presidente é a autoridade máxima do país e deve escolher os seus ministros, conduzir a economia e manter as relações internacionais".

Existem eleitores preocupados em mudar o Brasil, mas poucos conhecem, de fato, os cargos. É o caso da auxiliar de biblioteca Ana Melo. "Eu gosto de saber sobre o andamento de determinado projeto, mas não sei ao certo a função de cada candidato. Seria bom se tivéssemos mais informações sobre os cargos, e não apenas na época de eleição".

Ana afirma que sua expectativa após a eleição de um candidato é de que ele cumpra, pelo menos, 50% do prometido. "Tem que ser assim para o bem do povo".

Em meio a todos esses comentários, o que pensam os profissionais que ensinam política?

Professora da Universidade de Uberaba (Uniube), advogada Thaísa Haber Faleiros diz que não acredita que a população saiba a função de cada cargo.

Thaísa explica que mesmo os estudantes de Direito, que vivem a política em sua formação acadêmica, não sabem ao certo. "O único jeito de acabar com esse problema é com a educação. Desde pequena a criança deve aprender a entender sobre a política na cidade, visitando prefeitura, câmara dos vereadores e percebendo como é importante a participação efetiva de todos", conclui.

ACERTE NA HORA DE VOTAR
Leve anotados os números de seus candidatos

Deputado Federal □□□□	CONFIRMA
Deputado Estadual □□□□□	CONFIRMA
Senador 1 □□□	CONFIRMA
Senador 2 □□□	CONFIRMA
Governador □□	CONFIRMA
Presidente □□	CONFIRMA

VOTE COM RESPONSABILIDADE

corte na linha pontilhada

issuu-downloader.com

A matemática das eleições

O coeficiente eleitoral determina quem será eleito

Gabriela Gonçalves
4º período de Jornalismo

O coeficiente eleitoral é o cálculo do mínimo de votos de que o partido precisa para eleger um candidato. Para saber quantos votos cada candidato necessita, deve-se esperar o fim do primeiro turno para quantificar os votos válidos.

No caso de Minas Gerais, este coeficiente será formado pela votação de todo o Estado. Há uma estimativa de que sejam necessários cerca de 100 mil votos para eleger um deputado federal mineiro, dependendo da coligação de que ele faça parte.

Uma estimativa baseada nos 14.522.090 eleitores de Minas, e o número de cadeiras em disputa - 53 vagas para deputado federal e 77 para deputado estadual - determinarão o resultado final.

Foto: Divulgação

Mais de 500 deputados representam o povo no Congresso Nacional

Ainda não é possível saber quantos votos serão necessários para eleger um candidato a deputado estadual e federal por Minas. Só após as eleições. Para fazer o cálculo de quantos votos é preciso, basta dividir o número de eleitores, que estão regulamentados junto às legendas partidárias, e dividir pelo número de cadeiras disponíveis na Casa Legislativa. Caso dê fração, serão arredondados para mais ou para menos. O partido que obtiver um número de votos inferior a esse referencial, não elegerá nenhum representante.

"Nas eleições de 2001, Enéas foi o candidato a deputado federal pelo Estado de São Paulo mais votado no país, alcançando 1.573.642 votos. Por causa do número de votos do coeficiente partidário, o seu partido, o PRONA, conseguiu eleger mais cinco deputados, dentre eles, Vanderlei Assis, com apenas 275 votos", explica a analista judiciária do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE/MG), Carla Rici.

O coeficiente partidário determina quantas cadeiras legislativas cada partido terá direito. Para isso, é feita a divisão do número de votos que cada partido e/ou coligação obteve pelo coeficiente eleitoral.

A cada vez que se atinge o coeficiente eleitoral, o partido ou coligação tem direito a um representante.

Para que o candidato não fique trocando de legenda, o Tribunal Superior Eleitoral decidiu que o mandato pertence ao partido e não ao candidato.

Se alguém for eleito por determinado partido, não poderá mudar de legenda. Se assim o fizer, terá de devolver seu mandato, isto é, o partido pelo qual ele foi eleito indicará um suplente para substituí-lo. Essa é uma discussão antiga e vinha se acirrando em razão dos cálculos para a obtenção do coeficiente eleitoral e partidário. Isso porque muitos candidatos, embora mais votados na localidade em que disputam, podem não ser eleitos em virtude do coeficiente eleitoral.

Calcule o coeficiente eleitoral

Suponhamos uma eleição municipal em que se disputam 13 cadeiras. O número de votos válidos foi de 26.000, distribuídos entre 6 (seis) partidos: X, Y, Z, K, J, L.

Partido	Votos obtidos pelos Partidos
X =	4000
Y =	5000
Z =	6000
K =	7000
J =	3000
L =	1000
Total =	26000

Coeficiente eleitoral
(CE) = VOTOS VÁLIDOS / Nº CADEIRAS = CE
CE = 26000 / 13 (cadeiras) = 2000

Pelo coeficiente eleitoral, observamos que o Partido L não conseguiu atingir o mínimo necessário (pois sua votação foi inferior a 2000 votos), e, portanto, não elegerá nenhum candidato.

issuu-downloader.com

Brasil, um país de esquecidos

O eleitor não sabe diferenciar política geral e política partidária

Mateus Barros
6º período de Jornalismo

Você se lembra em quem votou na eleição passada? Essa pergunta gerou dúvida em Maria da Conceição, moradora do Residencial 2000 há quatro anos. As mãos inquietas mostravam nervosismo ao responder à simples pergunta."Vou ser sincera, não me lembro".

Essa é a realidade do brasileiro. Segundo dados da empresa prestadora de serviços Clic Brasil, oito entre dez pessoas não se lembram em quem votaram nas eleições passadas, comprovando que o brasileiro não possui memória política.

Na opinião da antropóloga Fernanda Telles, o esquecimento do brasileiro se dá pela falta de envolvimento com a política e pelo desestímulo com as ideologias partidárias.

Conforme levantamento feito pelo Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2004, o brasileiro não sabe diferenciar política geral e política partidária.

Para o historiador e sociólogo paulista Maldonado Feitosa, acontecimentos como a Constituição Brasileira de 1988 e a morte de Tancredo deram início a uma nova ideologia de pensamentos políticos. "Estamos passando por mudanças, mas o brasileiro se depara com um dia-a-dia corrido, que faz com que ele esqueça do principal, que é a política de bancada. Ele acaba se deixando influenciar por quem o acomoda".

> "Um povo pode se acomodar com a corrupção devido os descasos sociais, podendo ser essa mais uma razão para o esquecimento ou para a memória seletiva dos brasileiros

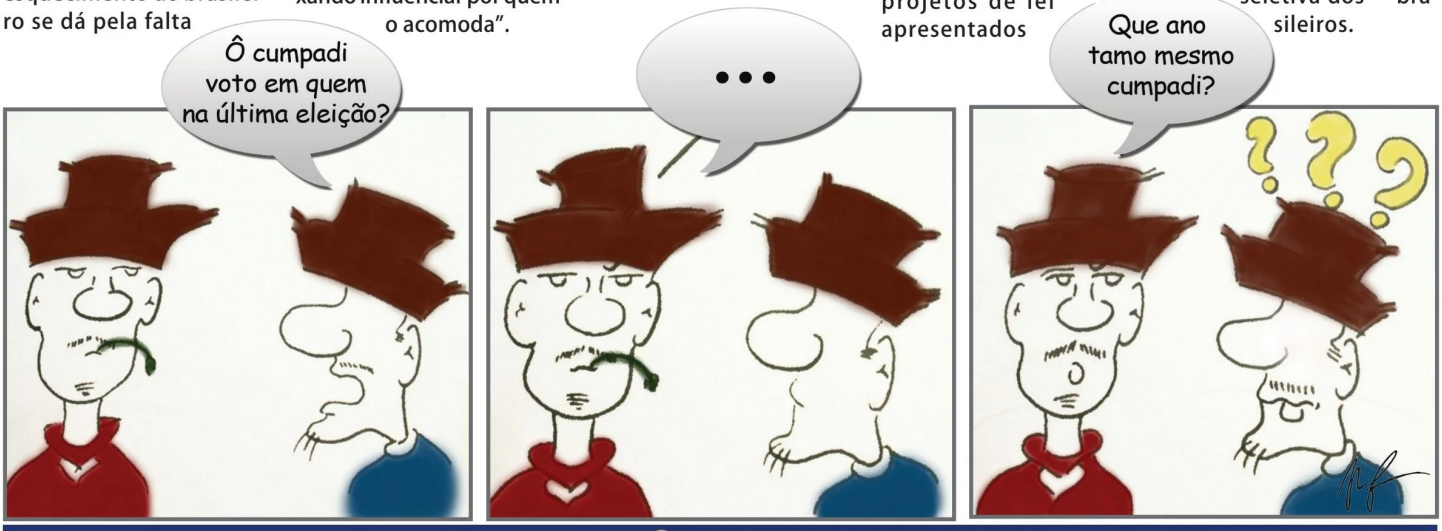
A equipe do Jornal Revelação perguntou para três donas de casa, de bairros distintos, em quem elas votaram para senador nas últimas eleições.

Marta Aragão Rebolsas, moradora de Ponte Alta, e Catarina Lima, moradora do bairro Primavera, não se lembraram. Já Mariana Assunção Carneiro lembrou o nome do político, mas não acertou o cargo. Para ela, vereador e senador têm o mesmo significado.

Ao fim da conversa, reforçamos que enquanto os senadores são ligados ao poder legislativo e criam e alteram leis de âmbito federal, o vereador fiscaliza ações da prefeitura, aprovando e votando em projetos de lei apresentados pelos próprios parlamentares.

O sociólogo e professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Ailton Aragão, explica que não se trata do esquecimento e sim de uma memória seletiva. "Não penso que o brasileiro, em geral, não tenha memória. Ela é seletiva quando se trata da sobrevivência cotidiana e, ao mesmo tempo, essa memória é construída parcialmente".

Em obras políticas de escritores como Marianne Schnitger e Weber, um povo pode se acomodar com a corrupção devido aos descasos sociais, podendo ser essa mais uma razão para o esquecimento ou para essa memória seletiva dos brasileiros.



issuu-downloader.com

Eleitores desmotivados

Com a falta de transparência e descompromisso dos candidatos, alguns preferem abrir mão do exercício da democracia

Júlia Magalhães
4º período de Jornalismo

"Meu voto é nulo porque, independentemente do candidato ou partido em quem eu votar, o Brasil vai continuar com uma economia ruim, uma saúde péssima, uma segurança pública ridícula e, principalmente, um sistema de educação muito falho. Na minha opinião, os políticos agem por si só. Não pensam em criar empregos, reforçar a educação. Ao contrário disso, os partidos pensam em conquistar o que pode se chamar de 'povão, que é a maior massa de eleitores do país, dando benefícios como Bolsa Família, programa de renda mínima, dentre outros", comenta o estudante Jadson Matos da Silveira, de 19 anos.

A declaração sugere que uma parcela dos eleitores está desacreditada no futuro do país e, por isso, o número de votos nulos ou eleitores não votantes tende a aumentar.

"A desmotivação do eleitor se dá devido à falta de consciência política. A maioria das pessoas não sabe o significado de política. A própria mídia auxilia no sentido de levar a população a se desmotivar com as questões políticas. Percebe-se que boa parte de comerciais relacionados à política são reduzidos ao direito de votar ou de escolher um representante direto", afirma o cientista social Sávio Santos.

A tradição do voto obrigatório advém do Código Eleitoral Brasileiro de 1932 e deveria ser encarada como direito e não como dever. É o direito, de expressar sua opinião de maneira democrática, exercendo a responsabilidade que cada cidadão tem com sua nação.

Foto: Grasiano Souza

Cientista social Sávio Santos acredita que só a educação transformará o país

Segundo Sávio, a falta de comprometimento dos atuais políticos e a roubalheira instalada no cenário político brasileiro fazem com que o eleitor se desinteresse pelo assunto e vote de maneira aleatória ou nem vote, anulando seu direito, calando a sua opinião.

"Eu já fui uma pessoa muito atuante. Adoro política, gosto de ler, gosto de conversar sobre política, me interesso muito, só que estou descrente com as pessoas. Infelizmente, a cultura e a prática não são partidárias, são de pessoas, e elas têm um discurso e uma prática totalmente diferente, por isso vou anular meu voto. Não vou votar em nenhum candidato. De presidente a deputado federal meu voto será nulo", confessa o eleitor, de 47 anos, que prefere não se identificar.

Para Sávio, o problema do voto nulo está ligado à falta de conscientização. "Acredito que a solução está na base da educação. Se nós voltarmos à pré-escola e ao Ensino Fundamental, onde começa a formação das crianças e futuros eleitores, e ensinarmos o que é cidadania, direitos humanos e participação social, fazendo com que eles entendam que são parte da sociedade e devem exercer seus deveres e direitos, teremos eleitores com consciência de cidadão".

Ficha Limpa surge como esperança

Pabliene Silva
4º período de Jornalismo

"Político é sempre político. Em época de eleições, aparecem, fazem promessas e, depois, não dão notícias. Vimos seus nomes estampados em escândalos, mas sempre conseguem um jeitinho de se candidatar novamente", diz a pensionista Sebastiana Silva Cunha, de 76 anos.

Essa sensação que ronda o eleitor brasileiro agora pode mudar. Após a iniciativa de milhões de cidadãos, foi aprovada a lei Ficha Limpa, que objetiva a moralização dos procedimentos eleitorais e partidários do país. Significa que candidatos já condenados por um corpo de juízes por crimes como corrupção, lavagem de dinheiro, e que não tenham cumprido sua pena, não poderão ser candidatos por oito anos.

De acordo com o advogado Guido Bilharinho, a lei Ficha Limpa ataca as consequências, esquece as causas e também é inconstitucional.

"Só é culpado no Brasil quem tem sentença penal condenatória transitada e julgada. Então, a Ficha Limpa é completamente uma distorção à lei eleitoral, ao código eleitoral, ao sistema político", diz Guido.

Apesar das discussões, há pessoas que acreditam que a lei será uma forma de despertar o interesse da sociedade por política, como declara a professora de informática, Roberta Domingues, de 26 anos.

"Somos cidadãos, pagamos impostos e precisamos de pessoas honestas, transparentes, éticas e responsáveis, que lutem pelo povo, que atendam aos interesses da sociedade. Imagino que a lei Ficha Limpa seja uma reação, uma maneira de os políticos e aquelas pessoas que pretendem seguir carreira na política pensarem antes de tomar atitude."

issuu-downloader.com

Voto nulo ainda causa polêmica

Ana Krísia
5º período de Jornalismo

Lazaro Rodrigues é escritor e vota nulo há 12 anos. Para ele, essa é uma forma de reivindicar. "É um recado claro. Sabemos que não adianta só eleger".

Votando nulo, o eleitor afirma claramente que não concorda com os candidatos que foram apresentados.

Segundo o chefe de cartório da 243ª Zona Eleitoral de Sacramento, Júlio Cezar da Fonseca, a pessoa que anula seu voto não contribui com a democracia.

O chefe de cartório explica que o voto nulo é apenas registrado para fins de estatística, ou seja, não vai para nenhum candidato, partido ou coligação. "O Tribunal Superior Eleitoral decidiu que os votos nulos por manifestações apolíticas dos eleitores não acarretam a anulação de eleição", informa.

> "Queremos pode eleger candidatos independentes dos partidos, ser cidadãos e não, súditos

A única orientação que a Justiça Superior Eleitoral faz a esse respeito está relacionada aos senadores. Serão dois candidatos diferentes para ocupar o posto, sendo que, se um único candidato receber dois votos de uma mesma pessoa, o primeiro será validado e o segundo, anulado.

Há diferentes debates a respeito da legalidade do voto nulo, porém o Código Eleitoral Brasileiro (Lei nº 4.737/65) transcreve que o voto nulo tem o poder de provocar uma nova eleição. "Se a nulidade atingir mais da metade dos votos do país nas eleições presidenciais, do estado - nas eleições federais e estaduais, ou do município - nas eleições municipais, julgar-se-ão prejudiciais as demais votações e o tribunal marcará dia para nova eleição dentro do prazo de 20 (vinte) e 40 (quarenta) dias". Isso significa que, se 50% dos votos forem nulos, a eleição é cancelada.

Júlio ainda ressalta a diferença entre votos nulos e votos em branco. "O voto em branco ocorre quando o eleitor opta por teclar em branco e confirma na urna eletrônica. O voto nulo é aquele que não corresponde a nenhuma numeração de partido político ou candidato. Os dois não são considerados na soma dos votos válidos", conclui.

O escritor Lazaro não importa se haverá validação: vale o protesto. "Queremos poder eleger candidatos independentes dos partidos, ser cidadãos e não, súditos. Mesmo que isso não contribua para a anulação, é uma tomada de consciência", desabafa.

O que move o eleitor

Ubirajara Galvão
4º período de Jornalismo

O assunto que permeia as rodas de amigos e a imprensa são os candidatos, os partidos e programas eleitorais. Mas o que estimula um eleitor na sua escolha?

Bruno Wilhelm Speck, responsável pelo Departamento de Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), acredita que o partido, a religião, a ideologia, o poder econômico, a família, o carisma ou não do candidato, a troca de favores e até mesmo o time de futebol servem de motivação na hora da escolha.

Sabedores desses fatores motivacionais, os marqueteiros direcionam suas propagandas no sentido de manipular a realidade. Com isso, o eleitor se aliena cada vez mais.

> O que mais se ouve é que a maioria dos brasileiros não sabe votar. Triste realidade

"Pela falta de conhecimento, pela própria ignorância das pessoas, penso que os eleitores vão mais para o lado daqueles que os beneficiam materialmente. Infelizmente, ainda precisamos instruir mais as pessoas para realmente eleger aquele compromissado com a nação", comenta a eleitora Márcia Lima Chaves, de 51 anos.

Os estudiosos da área afirmam que o candidato não precisa discutir programas ou projetos, porque a maioria não sabe nem mesmo quais são as atribuições de um parlamentar. Basta que ele cite dados estatísticos, nem sempre confiáveis, faça promessas e ataque o adversário para conquistar o eleitor.

Foto: Ubirajara Galvão

Márcia Chaves critica a falta de compromisso com o voto

"Foram-se os coronéis, ficaram o voto de cabresto e os currais eleitorais, no Brasil. O que mais se ouve é que a maioria dos brasileiros não sabe votar. Triste realidade. Os motivos mais banais são usados na escolha de candidatos. Desde um falso palhaço ou uma mulher pomar, ambos desprovidos de cultura e senso de cidadania, podem ser eleitos", comenta a professora de química, Sulamita de Almeida.

issuu-downloader.com

Linha do Tempo

Histórico do voto feminino

1932 Voto para casadas, viúvas e solteiras com renda própria

1934 As restrições ao voto feminino são eliminadas

1946 O voto feminino torna-se obrigatório

2002 e 2006 O voto feminino leva eleições para o 2º turno

2010 Pela primeira vez, duas mulheres disputam a presidência da república

Mulheres representam maioria do eleitorado

Na contramão da história recente do país, as mulheres têm a chance de definir o rumo das eleições

Fabiana Cunha
4º período de Jornalismo

O resultado das eleições deste ano estará nas escolhas femininas. As mulheres serão maioria nas urnas, em média cinco milhões a mais que os homens. Em Uberaba, a porcentagem de eleitoras é de 52,5% contra 47,3% dos votos masculinos, de acordo com estatística do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Desde a conquista do direito de votar, em 1932, as mulheres ganharam espaço no cenário político nacional. Este ano, duas candidatas disputam com sete homens a preferência do eleitor nas campanhas à presidência da república. Mas os critérios de escolha dos candidatos variam de acordo com os sexos. Segundo o Instituto Patrícia Galvão – organização sem fins lucrativos que atua no campo do direito à comunicação e direito das mulheres no país - elas possuem olhar mais crítico a cada estágio das eleições, quando comparadas aos homens. O que não se define como indecisão por parte das eleitoras, mas sim, mais cautela na hora da escolha. Para a conclusão, o instituto baseou-se em pesquisas do Datafolha, de julho deste ano.

A mulher considera as propostas mais ligadas às questões cotidianas como saúde, educação e segurança. Para a enfermeira aposentada Anete Rafael, a escolha de seu candidato é baseada nas propostas apresentadas para as áreas de saúde e educação. Já o operador de produção, Clauber Barros de Oliveira, de 24 anos, diz que a sua escolha foi definida pelas propostas relacionadas ao aumento salarial.

A professora aposentada , Aparecida dos Santos Pereira Melo, diz que as mulheres usarão de coerência na hora da escolha. "Sendo mãe ou não, elas têm uma visão maior das necessidades do povo", afirma Aparecida.

Mestre em Comunicação na Contemporaneidade, Cíntia Cerqueira Cunha explica que a participação das mulheres nas eleições é uma evolução social e moral da sociedade brasileira.

"A mulher tem competências e habilidades políticas que devem ser colocadas a serviço da democracia". Ela diz ainda que, por ser maioria no eleitorado, a mulher deve estar atenta ao poder que isso significa. "O voto da mulher pode até mesmo determinar programas políticos e ações dos candidatos, além de decidir uma eleição".

> "A mulher tem competências e habilidades políticas que devem ser colocadas a serviço da democracia

Foto: Grasiano Souza

Cíntia Cunha é mestre em Comunicação

Participação feminina na política mundial

Segundo dados divulgados em 2009 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre países da América Latina e do Caribe, o Brasil disputava com a Colômbia os mais baixos índices de participação feminina em cargos políticos representativos.

Para que se tenha uma idéia, enquanto a Argentina apresentava 40% de parlamentares mulheres, Costa Rica 36%, o Brasil não alcançava o índice de 9%, ficando muito abaixo da média mundial - na ocasião, calculada em pouco mais de 18%.

issuu-downloader.com

O som que incomoda

Para chamar a atenção, os candidatos desrespeitam a população com propaganda sonora abusiva

Fernanda Borges
4º período de Jornalismo

Ao circular pelas ruas e avenidas da cidade, logo aparecem carros e suas caixas de som, com *jingles* de candidatos a uma altura permitida, porém que incomoda a população, causando confusão e revolta.

Para tentar coibir os abusos dessa prática de propaganda, o Ministério Público conta com a ajuda da população para denunciar e punir os responsáveis. A lei prevê que os carros de som não podem passar a menos de 200 metros de escolas, hospitais e órgãos públicos e não podem circular antes das oito horas da manhã e após as 22 horas. No dia das eleições, está estritamente proibido qualquer propaganda, inclusive a sonora.

> “Em política, o que manda é o dinheiro e muitos gostam disso. Então não adianta denunciar

Os comerciantes do centro de Uberaba sofrem incômodos. Robson Mendes é subgerente de uma loja de roupas. Ele utiliza o som para chamar os clientes e anunciar seus produtos e reclama que esses carros passam com um volume muito alto, abafando a sua propaganda. “Eles atrapalham até a conversa dos atendentes com os clientes. É complicado. Me sinto prejudicado”, declara.

Alex Silva é locutor e trabalha na avenida Leopoldinho de Oliveira, anunciando lojas e produtos e também reclama que precisa abaixar seu som quando um desses carros passa. Ele reclama da falta de fiscalização e explica porque não denuncia. “Em política, o que manda é o dinheiro e muitos gostam disso. Então, não adianta denunciar”.

Os decibéis permitidos por lei, segundo o Artigo 88 do código da cidade de Uberaba, são: diurno - 70 decibéis e, noturno, 60 decibéis. Quem descumprir a lei estará sujeito à pena que vai de uma multa de R$ 1 mil até a apreensão do veículo. A infração ainda pode ocasionar a prisão do motorista com a pena de detenção de até quatro anos.

Fotos: Grasiano Souza e Fernanda Borges

Contratos de dois meses de duração são fechados entre R$ 2 mil e R$ 3 mil

Segundo a capitã Fátima e o sargento Damaceno, ambos da Polícia Militar, a prisão do motorista é feita pela PM em apoio à Guarda Municipal, portadora do aparelho que fiscaliza os decibéis, o decibelímetro de precisão.

Além da condução do motorista infrator, também são de competência da Polícia Militar o boletim de ocorrência e a apreensão do veículo. “Isso não é apenas em período de eleição. Em caso de perturbação do sossego, o procedimento adotado pelos policiais militares é o mesmo”, diz o sargento Damaceno.

O preço do barulho

Cinco comitês de diferentes partidos políticos foram procurados pela reportagem do Jornal Revelação e explicaram que não contratam empresas de som para fazer as propagandas políticas. Eles optam por contratos particulares, feitos diretamente com os motoristas dois meses das eleições. Em média, custam de R$ 2 mil a R$ 3mil, conforme o percurso.

issuu-downloader.com

Campanha queima de

Jovens trabalham expostos ao sol, sem proteç

Agnes Maria
6º período de Jornalismo

A umidade relativa do ar considerada mínima é de 30%, mas há um mês das eleições, o índice, no Triângulo Mineiro, marcou apenas 10%.

Nesse período de eleição, há quem não pode se esconder do sol. Com a restrição de distribuição de brindes e propagandas eleitorais em outdoors, os políticos partiram para a propaganda corpo a corpo, nas ruas.

Um grupo, em torno de cinco a sete pessoas de cada coligação ou candidato, se aglomera nos principais pontos da cidade, debaixo do sol na casa dos 30 graus. Balançam bandeiras, colam adesivos nos carros e conversam com os eleitores.

Em cinco comitês diferentes, a explicação é a mesma: "a campanha é limpa e tem uma real preocupação com as pessoas que trabalham nesse breve período".

A equipe do Revelação percorreu a cidade no período em que o sol não é nocivo, conforme recomendam os dermatologistas, entre 7h e 10h da manhã. Encontramos cabos eleitorais panfletando jornais e santinhos. As bandeiras com nomes e números de candidatos começaram a aparecer por volta das 13h, horário em que a umidade relativa do ar é ainda mais crítica e que a exposição ao sol é perigosa.

Os jovens contratados trabalham, em média, seis horas por dia, divididos em duas equipes: uma, no período da manhã, que panfleta e vai até os bairros, e outra, à tarde, que tem como meta pregar adesivos nos carros dos eleitores, panfletar e exibir as bandeiras dos partidos. Alguns são contratados apenas para vigiar os cavaletes com a foto impressa do candidato. A ideia é que ninguém os retire do lugar. Em média, recebem um salário mínimo por mês.

Marçal Oliveira
mototaxista

"Essas propagandas passam é raiva na gente. É uma bobeira. Eu que trabalho como mototaxista, vejo que é um perigo para eles que correm para colar adesivos e bandeiras perto dos carros, em pleno centro. Para mim, não influenciará em nada."

Marília Aparecida
balconista

"Não acredito que estas propagandas nas ruas possam influenciar meu voto. Já tenho os meus candidatos. Isso para mim não serve para nada, só para gastar dinheiro nosso com propagandas"

Bonés, óculos escuros e água são acessórios que a turma traz de casa. O comitê é a base, com banheiro, bebedouro para se reabastecerem de água, e mais materiais de trabalho.

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica prevê alguns cuidados para quem não pode evitar o contato com o sol no período das 10h às 16h, como passar filtro solar 30 minutos antes de se expor. O filtro não é garantia total de proteção. O mais indicado é o de fator 30, que corresponde a uma proteção mais eficaz para todo o tipo de pele. Porém, não

issuu-downloader.com

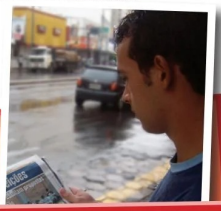
Foto: Grasiano Souza

Henrique Miller
autônomo

"Marketing e mídia não me influenciam. Tenho que ver obras feitas. Trabalhei dez anos na prefeitura e sei como funciona. Estudo a passagem de todos os candidatos antes de escolher o meu"

anula os malefícios do sol.

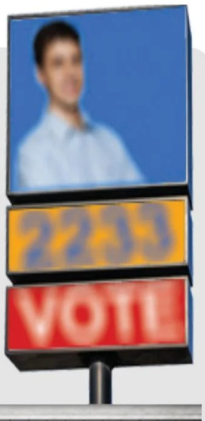
Nenhum comitê visitado fornece aos trabalhadores filtro solar. Os que usam, carregam por conta própria, junto com outros acessórios . "Incomodar, até que o sol incomoda, mas a gente que precisa não está nem aí não. Eu tenho uma menina pra criar", diz Degmar Cristiene, de 20 anos, balançando a bandeira em frente ao comitê do candidato para quem trabalha.

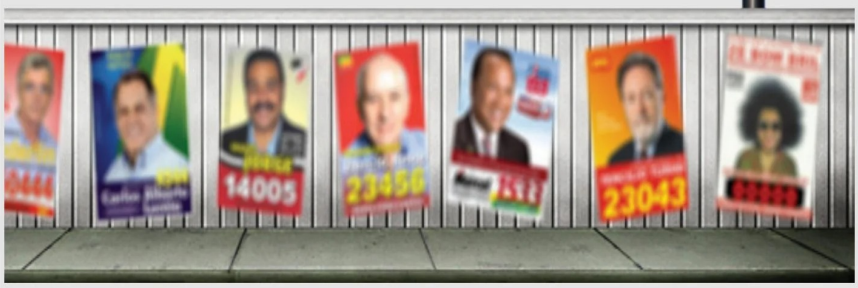


Fabrício Rosa
atendente

"Penso que influencia muitas pessoas, mas a mim não. Leio os jornais para me inteirar dos candidatos. Sinto é dó deles ficarem com a bandeira o dia inteiro nas mãos"

Na contramão da sustentabilidade





Candidatos investem pesado em panfletos, cartazes e faixas

Mariana Provazi
4º período de Jornalismo

Durante décadas, o ser humano consumiu, sem preocupação, os recursos naturais. Agora, repensa atitudes, embora alguns continuem, de forma desenfreada, a poluir o meio ambiente.

As campanhas políticas deste ano de eleições apresentam excesso de *santinhos* jogados nas ruas, carros de som circulando durante o dia e à noite, e faixas fixadas em toda a área urbana.

"Tem hora que a gente reza para chegar em casa. Só assim descansa a vista dessa poluição geral devido às eleições. Acho isso uma falta de respeito. Basta uma propaganda explicativa; não precisa martelar no assunto", diz a atendente Juliana Rocha.

Nas gráficas de Uberaba, há um aumento de 30% ao mês na produção, durante o bimestre que antecede as eleições.

Pós-graduado em Marketing Político, Marcelino Marra ressalta que o recolhimento do lixo político não é dever dos candidatos, já que os santinhos são entregues nas mãos dos eleitores.

Conforme os especialistas, a Internet seria um recurso para os candidatos não poluírem as ruas, porém ainda não atende ao público-alvo, uma vez que não é acessível para todos.

> "Os postes ficavam cobertos por propagandas

O secretário municipal da União dos Estudantes do Brasil, Helder da Cunha, afirma que outro meio de preservar o meio ambiente seria a produção de vídeos gravados e distribuídos em DVDs. "O candidato teria um tempo maior para expor sua campanha, de forma sustentável.

Para a educadora ambiental, Ivone Aparecida Borges, as atitudes se modificam aos poucos. "Lembro quando todos os postes de iluminação ficavam cobertos por propagandas de indivíduos prometendo não poluir, lançando papéis ao vento e nas ruas. Passados meses das eleições, ainda estavam todos lá".

issuu-downloader.com

Candidatos caem na rede

Especialistas de diferentes áreas atuam em redes sociais em busca de #voto

Grasiano Souza
7º período de Jornalismo

Tudo mudou com a Internet. Dados mostram que, no Brasil, quase 80 milhões de pessoas são usuárias da WEB. A região sudeste representa 50 por cento deste número.

Pensando nisso, nestas eleições, os políticos invadiram o universo virtual para fazer campanha e alcançar o maior número de eleitores. Além dos *sites* e *emails* já tradicionais, eles apostaram nas redes sociais para se comunicar com o eleitor.

Essas redes são relações entre os indivíduos conectados por computador. Nelas, inúmeras informações são direcionadas em busca de agregar valor à imagem e às mensagens dos diversos candidatos.

> “A Internet é uma ferramenta extraordinária, com apenas 140 caractéres você passa informações necessárias e precisas

Na corrida pelo pódio, o que mais falta aos políticos é o tempo. Diante disso, eles contratam mão de obra especializada.

Em Uberaba, uma gama de publicitários, jornalistas, *marketeiros* e outros profissionais ocupam salas e gabinetes, suprindo as necessidades dos internautas pelo *Twitter, Orkut, Facebook, MySpace* e pelos *Blogs*.

São pessoas que recebem até R$ 3mil para se comunicar, dia e noite, como se fossem os candidados, utilizando sua imagem e suas propostas. Um desses profissionais, que prefere não se identificar, conta que é engenheiro, mas há cino anos representa um candidato ao governo de Minas Gerais. “A Internet é uma ferramenta extraordinaria. Com apenas 140 caractéres você passa informações necessárias e precisas”.

Outra assessora afirma que as informações repassadas são todas factuais, ou seja, detalhes da agenda do candidato e suas principais metas políticas. “Quando é possível, é ele mesmo, o candidato, que responde, pessoalmente, os recados na Internet. Isso gera maior confiança por parte do internauta”.

A mesma assessora explica que, apesar dos investimentos, a Internet ainda não atingiu o seu ápice, ou seja, as campanhas almejavam uma resposta maior dos eleitores via rede mundial de computadores.

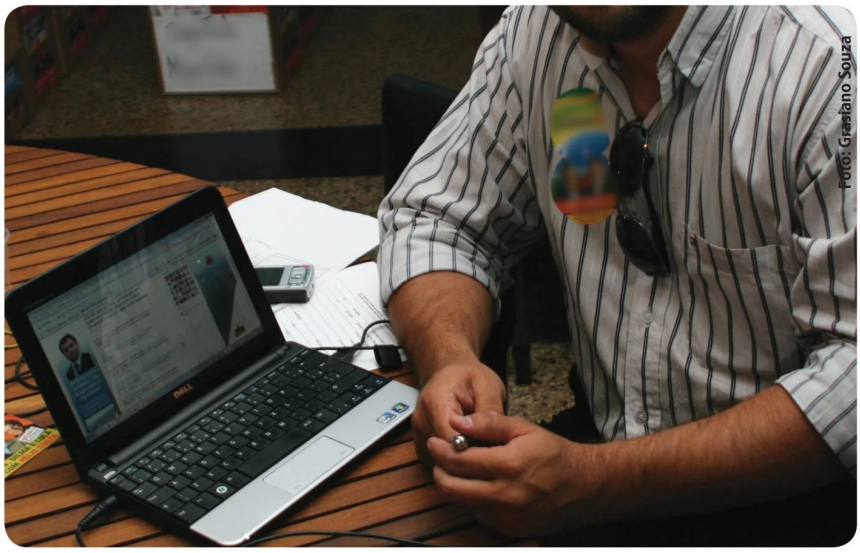


Foto: Grasiano Souza

Por meio de redes sociais, os assessores dos candidatos fazem suas campanhas livremente

A professora da disciplina de Assessoria de Comunicação da Universidade de Uberaba (Uniube), Indiara Ferreira, reconhece a importância das redes sociais na divulgação das informações relacionadas aos candidatos, mas faz um alerta aos eleitores quanto ao conteúdo das mensagens.

“Assim como nas mídias impressas, por trás de cada nota, existe algo mais. O assessor é um estrategista. Jamais divulgaria coisas negativas. O eleitor deve aproveitar as informações e aperfeiçoar seu olhar crítico, antes de votar”.

1/4 do eleitorado pesquisa na internet

O Brasil tem quase 126 milhões de eleitores, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Desses, cerca de 32 milhões utilizam a Internet, conforme dados do instituto de pesquisas Ibope. Significa que 25% do total de eleitores brasileiros podem buscar informações sobre as eleições na rede mundial de computadores.

Fonte: Observatório da Imprensa

Revelação continua no Portal da Comunicação

Acesse comunicacao.uniube.br e confira as impressões de todos os repórteres e editores que trabalharam nesta edição.

Você pode falar conosco via revela@uniube.br.

issuu-downloader.com

Estética é ferramenta de persuasão dos candidatos

Eles investem na aparência para conquistar a confiança do eleitorado

José Serra, candidato pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)

Marina Silva, candidata pelo Partido Verde (PV)

Dilma Rousseff, candidata pelo Partido dos Trabalhadores (PT)

Fotos: Arquivo/Fabio Pozzobom

Ana Luiza Cassimiro
4º período de Jornalismo

Beleza pode não ser a premissa fundamental na hora de escolher o melhor representante político, mas muitos acreditam que o atributo ajuda. Figurino bem alinhado, cabelos impecavelmente penteados - para isso, alguns candidatos usam tintura ou fazem apliques para esconder a ação do tempo - o gestual e a entonação de voz. Tudo isso é levado em conta.

> “As pessoas trabalham muito mais sua imagem do que a sua essência

Afinal, a aparência é a primeira mensagem percebida pelo eleitor e causa um impacto positivo ou negativo que pode definir se o candidato terá ou não chance de demonstrar outras impressões. Um exemplo do uso dessa artimanha é a candidata à presidência Dilma Rousseff. Desde 2008, ela já passou por diversas mudanças no cabelo, vestuário, postura, em busca de um estilo que agrade ao eleitor. A ex-ministra, com fama de durona, mudou sua identidade visual para parecer mais simpática e carismática.

Segundo a psicóloga Janete Tranquila Graciolli, a sociedade atual dá muito valor à aparência das pessoas. “No embasamento psicológico, a questão da fisionomia representa muito na percepção do eleitor porque é feita primeiramente pela imagem. As pessoas são muito mais ligadas ao imaginário. Elas trabalham muito mais a imagem do que realmente sua essência. Então, se essa fisionomia aparece de forma que o eleitor se identifique, de acordo com o que a sociedade ‘pede’, pode influenciar sim na hora da escolha.”, afirmou.

Mesmo que os candidatos não sejam considerados bonitos conforme o padrão estabelecido, estar vestido de maneira mais formal pode transmitir confiança ao eleitor.

“Eu penso que beleza mesmo não interfere, mas se o candidato estiver muito desleixado a gente não tem tanta confiança nele. Não que a aparência seja fundamental, mas eu acredito que dá mais credibilidade.”, diz a universitária Valéria Regina de Morais Ribeiro.

Assim como a jovem, outros eleitores mais experientes também aprovam os candidatos que se preocupam com a imagem.

“A aparência influencia sim. O povo dá muita importância para isso. Até a gente mesmo, quando está bem arrumado, é visto com outros olhos. Tem até uma história de quando eu trabalhava em um colégio da cidade. Estávamos em tempo de eleição. Eu conversava com o porteiro, um homem muito simples, que disse que não votaria num certo candidato a prefeito porque ele era muito feio.”, contou a aposentada, Ambrosina Neves.

issuu-downloader.com

Função de mesário é nobre, mas pouco reconhecida

Coordenadores das seções oferecem contribuição decisiva para o sucesso do precesso eleitoral

Wallace Coelho
4º período de Jornalismo

É com o título de eleitor na mão e com os nomes dos candidatos na cabeça, que o mecânico industrial Paulo Otávio Alves, de 63 anos, segue para a zona eleitoral. Uma rotina que se repete há 40 anos. Porém, com toda a correria e expectativa para eleger o seu candidato, Paulo Otávio não se atentou para aqueles que trabalham auxiliando os eleitores durante o pleito.

"Muitos eleitores não sabem sobre o trabalho dos mesários no dia da eleição. Se as pessoas soubessem a sua importância, diversos voluntários se candidatariam para ser um mesário", afirma a analista jurídica do Tribunal Regional Eleitoral de Araxá (TRE), Natalia Montandon Esteves Pires.

A analista do TRE, Natalia Montandon, diz que o mesário é peça-chave

Segundo ela, o mesário é a peça-chave. Ele coordena a seção eleitoral, começando pela organização das filas, dando aos eleitores as informações gerais. Além de zelar pela organização, o mesário também tem plenos poderes para resolver situações como convocação da força policial, caso seja necessário.

Aos 52 anos, o auxiliar administrativo e gestor de suplementos Antônio Álvaro de Rezende ocupa o cargo de primeiro mesário em uma seção onde votam 380 eleitores. Nem sempre foi assim. Há 32 anos, quando foi convocado, começou como suplente. "Acho um trabalho interessante, pois temos uma grande responsabilidade com a sociedade", diz ele. Antônio Álvaro relata ainda que nessas três décadas nunca presenciou um ato sequer de fraude ou boca de urna.

Foto: Wallace Coelho

No treinamento, os mesários repassam quais seus deveres no dia da eleição

O professor de filosofia Altemir Coelho de Oliveira também atua como mesário. São 12 anos de dedicação e satisfação em poder colaborar com as eleições. "No início, quando fui convocado, achava uma função chata. Hoje, se eu não participasse, certamente, me candidataria como voluntário".

O professor diz que o trabalho é respeitado e tem respaldo dos eleitores.

Critérios de seleção

O Tribunal Regional Eleitora (TRE) seleciona todos aqueles que se candidatam como voluntários. Alguns pré-requisitos são avaliados:

- idade mínima de 18 anos
- não ser parente de até segundo grau de candidatos
- não pertencer ao serviço eleitoral, não ser membro de diretórios de partidos exercendo funções executivas
- não ser autoridade ou agente policial, nem ter cargo de confiança do executivo

Os mesários recebem benefícios, como dois dias de folga no trabalho, certificado de serviços prestados à Justiça Eleitoral, além de vale alimentação.

issuu-downloader.com

Eleitores perdidos nas eleições

Com tantos candidatos e propostas, saiba como não se confundir

Leonardo Ricardo
4º período de Jornalismo

Neste ano, estima-se que 209.423 eleitores de Uberaba irão às urnas. São 22.555 candidatos concorrendo para deputado estadual e federal, senador, governador e presidente da República.

O ditado diz que "quanto mais, melhor", mas em eleição não é bem assim.

Tantos candidatos acabam confundindo a cabeça do eleitor. O estudante de Engenharia Elétrica, Saulo Viana, de 21 anos, é um deles. "Estou meio perdido. Nem sabia que são dois senadores este ano. Nem sei em quem vou votar. Vou parar um dia e tentar analisar alguns".

> "Não sei se voto no que investe nas propagandas ou em outro qualquer

A dona de casa Marta Helena, de 45 anos, conta que, quando vai ao centro da cidade, se assusta com tanta gente fazendo propaganda para os políticos. "É tanta bandeira, santinhos, sons nos carros e motos, que fico mais confusa para escolher o candidato. Não sei se voto no que investe nas propagandas ou em outro qualquer".

Para a presidência da República são nove candidatos e uma só vaga. Para governador, são 171 candidatos. Em Minas Gerias, sete políticos disputam o governo e 273 concorrem ao senado. Neste ano, cada estado elegerá dois senadores.

Candidatos a deputados federais são 6.028. Já o número de eleitos dependerá do número de habitantes do estado. Minas tem, em média, 20 milhões de habitantes.

No caso dos deputados estaduais, estão na disputa 14.390 candidatos e as cadeiras variam conforme a população do estado e o número de eleitores.

Segundo a psicóloga Ednalva Freitas, os políticos ganham o eleitor em cima dos seus pontos fracos. "Eles já miram seus planos diretamente nas necessidades das pessoas, que são educação e saúde. Neste ano, é visível como construções de casas e de Unidades Básica de Saúde cresceram em todo país, influenciando no psicológico do eleitor e induzindo o eleitor a votar no candidato".

Para a psicóloga Ednalva Freitas, os candidatos influenciam com propostas nas áreas de Saúde e Educação

Entre os instrumentos para chegar aos eleitores estão os meios de comunicação. De acordo com o diretor do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube), André Azevedo, algumas ferramentas ainda são exploradas pelos candidatos. "O Twitter, que é a bola da vez, está sendo utilizado de maneira errada, pois muitos deles não dominam esta ferramenta".

A balconista Ivanilda Anicésio conta que aproveita as diferentes formas de divulgação utilizadas pelos políticos para não se perder e nem escolher o candidato errado. "Procuro me policiar melhor nas eleições. São muitos candidatos e não dá para escolher qualquer um. Analiso cada proposta para fazer a escolha certa", finaliza Ivanilda.

Fonte: TSE

Número de candidatos

- Presidente 9
- Governador 171
- Senador 273
- Deputado federal 6.028
- Deputado estadual 14.390

issuu-downloader.com

Educação e meio ambiente chamam atenção de jovens eleitores

Aírton Souza
4º período de Jornalismo

Eleitores de primeira viagem não mostram entusiasmo

Ao lado do computador e de tantos outros aparelhos eletrônicos, repousa um título de eleitor. Nunca foi usado. Fará sua estreia este ano. Seu dono tem apenas 16 anos. Não há muito entusiasmo em sua voz. Prefere o computador, conversas *online* com os amigos em vez de discutir política, em quem votar e coisas assim.

Esse quadro ilustra como é esse novo eleitor, seus interesses, suas intenções. Alienado ele não é. O Jornal Revelação foi para um bate papo com cerca de 30 alunos do Ensino Médio, de escolas públicas e particulares. Ficou evidente que eles se interessam por política, mas não têm os políticos em boa conta. Estão desencantados com a forma com que a classe política conduz os destinos do país. Estão atentos ao que acontece em todas as esferas do poder, principalmente quando se trata de escândalos, corrupção, mensalão.

A busca por mudanças é o que move esses jovens e eles entendem que, para mudar, há de se votar de forma consciente, escolher seus candidatos pelo passado limpo, eliminar aqueles que se envolveram em corrupção. Afirmam que buscam, nas realizações desses candidatos, uma forma de se orientar para que seu voto faça a diferença.

O sociólogo Sávio Santos reforça a tese de que as mudanças pelas quais os jovens tanto anseiam passam, necessariamente, pela educação. "Vejo que o problema se encontra no entendimento do que vem a ser política. Atualmente, não temos mais interesse para com a política, pois não mais se sabe o real significado do termo. O sentido de política como bem comum se confunde com a dimensão do privado; e como a maioria já não busca dimensionar a

> "A conscientização, a integração e o interesse pela política são o primeiro para que possa haver o avanço da sociedade

organização social como parte de sua vida, a responsabilidade para com o coletivo passa para os representantes populares. Como tais representantes já não respeitam a dinâmica soberana, a popula-

issuu-downloader.com

ção passa a desacreditar no que vem a ser política e, consequentemente, o votar não passa de mera obrigação, que não tem poder de mudança."

A educação e o meio ambiente estão entre os temas que eles gostariam de ver sendo discutidos de maneira honesta e responsável. Mas querem, antes de tudo, ser felizes. E ser feliz, para muitos, é melhorar o lugar em que vivem, e isso se torna possível quando escolhem os candidatos que farão a diferença.

"Acredito que temos de começar por nós mesmos. Um simples ato de não jogar papel no chão é bastante significativo. E se todos agissem assim, com ações simples como essa, o Brasil seria melhor, assim como todo o mundo", afirma Carlos Roberto Silva Júnior, de 16 anos.

"A ética e a cidadania andam juntas em busca da mudança e os jovens de nosso país precisam acompanhá-las, pois eles serão o futuro de nossa nação. A educação é o alicerce de um país bem construído", diz Marcelo Pinto Santinato, de 17 anos.

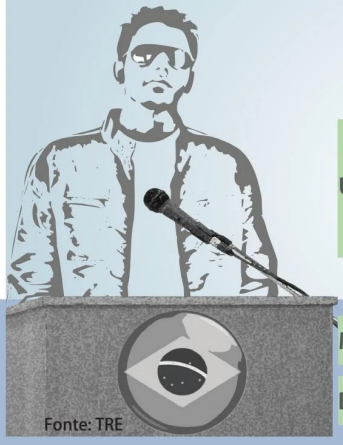
Evelyn Capucci, de 22 anos, é mais cética quando afirma que a política só entra na vida das pessoas em época eleitoral ou quando está relacionada à corrupção.

Para ela, isso não é um bom sinal de que possa haver mudanças significativas. "As pessoas não podem se ligar nesse assunto apenas esporadicamente. A conscientização, a integração e o interesse pela política são o primeiro passo para que possa haver o avanço da sociedade".

Todas as dúvidas que os jovens têm ao exercer sua cidadania e participar dessa grande festa democrática são também comuns àqueles com faixa etária um pouco acima. O professor de filosofia e literatura, Gustavo Borges, de 26 anos, deixa claro que tem as mesmas angústias desses jovens convocados ao voto.

"Individualismo não é cabível neste contexto, mas se meu voto faz parte de uma cadeia de interesses, vontades e ideologias ele pode contribuir para uma mudança social. O voto é, além de um exercício de democracia, uma explanação de minhas ideologias – ainda que seja nulo ou branco".

Corrupção assusta jovens que anseiam por mudanças no cenário político



Fonte: TRE

Jovens eleitores

	Idade	Eleitores	%
Uberaba	16 anos	480	0,229
	17 anos	1.083	0,517
	18 a 20	11.124	5,312
	21 a 24	18.204	8,692
M. Gerais	16 anos	96.802	0,667
Brasil	16 anos	900.754	0,664

Vota, Brasil!

Vinícius Silva
2º período de Jornalismo

Outubro de 2010. Mês de eleições. O Brasil elegerá deputados estaduais, federais, senadores, governadores e presidente. Muitos cargos e, certamente, uma confusão na hora de votar.

Confunde-se o número do candidato a deputado estadual com o federal, corrige e depois confirma. O número do candidato federal com o estadual, corrige e novamente confirma.

Você realmente sabe qual a função desses representantes? Se a resposta for não, está na hora de corrigir, repensar para, só depois, confirmar.

Quando era criança, adorava a época de eleições. Exerço meu papel de cidadão desde os 16, mas voto desde os oito anos de idade.

Sempre acompanhava minha mãe. Achava mágico o simples fato de apertar alguns botões numa máquina coberta com um papelão, porém não tinha consciência de quão era importante aquele momento.

Todas as vezes , eu apertava os botões errados, só para ficar corrigindo e confirmando. Certa vez, quase derrubei a urna eletrônica, pois queria votar duas vezes para presidente. A mesária até se assustou com aquela cena.

É possível observar em cada canto da cidade, os comitês dos candidatos. Alguns são até vizinhos. É uma concorrência acirrada. Nas ruas e no trânsito, a famosa panfletagem. Folders, *flyers*, bandeiras, *bottons*, adesivos, faixas, canetas, brindes, cestas básicas, churrascos e muita promessa, muita sujeira, muito barulho. Geração de novos empregos para entregadores e marqueteiros. Comícios, *shows*, aparições, divulgação, capas de jornais e revistas, outdoors, apoio, abraços, beijos e sorrisos.

Voltando à minha época de criança, o candidato que desfilasse de caminhão na minha rua, acenasse e jogasse doces, era o meu favorito. Ainda bem que as crianças já não são tão ingênuas e não são "compradas" por doces. Mas e se os candidatos resolvessem jogar *playstations*?

issuu-downloader.com

Votos que decidem

Idosos desobrigados de votar fazem questão de ir às urnas

Patrícia Vannucci
4º período de Jornalismo

"O povo brasileiro precisa ser mais caridoso, mais compreensivo e mais humilde. O Brasil está muito violento, pessoas matando gente da própria família, roubando para usar drogas".

Essas são palavras de uma pessoa que acredita que seu voto fará a diferença nessas eleições. Dona Liocardi Gomes Silva é aposentada, tem 69 anos, mãe e cidadã assídua. É uma das tantas pessoas que depende da saúde pública do país e de governantes mais competentes, segundo ela mesma diz.

Dona Liocardi estava sentada em uma das cadeiras azuis da Unidade Matricial de Saúde George Chireé, ao lado de seu companheiro Francisco José da Costa, e aguardava a hora de ser chamada para fazer uma consulta e pegar receitas dos remédios que a ajudam no tratamento da doença de chagas e da hipertensão.

Mesmo sem ter a obrigação de votar, Dona Liocardi acredita que contribuiu para a melhoria do país com seu gesto. "Até quando eu der conta, continuarei votando".

Para saber das propostas dos candidatos, dona Liocardi assiste ao horário eleitoral e pede para Ilma, sua conhecida, que trabalha na área da política, levar alguns folhetos contendo informações dos candidatos.

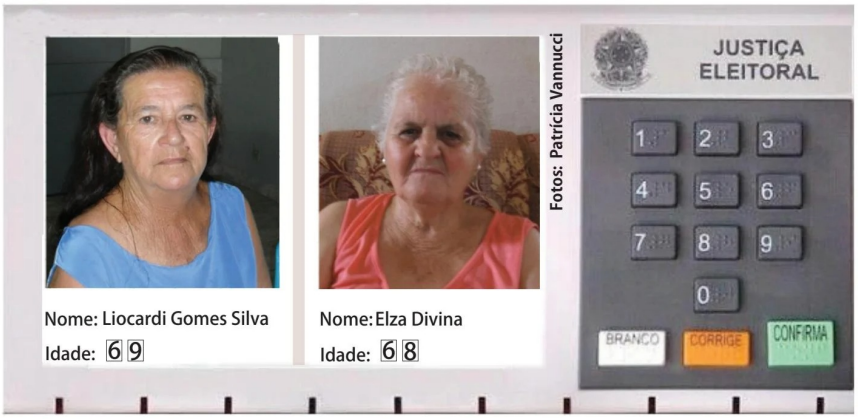
Em vez de as duas filhas falarem e convencerem a mãe a ir votar, Liocardi é quem dá lição de cidadania. Apesar de usar bengalas, caminha até a escola onde vota. Por causa das urnas eletrônicas, leva uma colinha com os nomes e os números dos candidatos, *dentro do sutiã*. "As urnas facilitaram o modo de votar e a tecnologia não foi um desafio para mim: foi uma solução", diz.

De acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE), o Brasil conta com 135.804.433 eleitores. Deste total, 20.769. 458 são idosos, com idade acima de 60 anos, ou seja, 15,3% do total. Em Uberaba, os eleitores são 209. 423, sendo que 38.034 são idosos, ou seja, 18,16% do total.

A primeira experiência de Elza Divina Inácio, com eleições, aconteceu em 1950, quando tinha apenas oito anos de idade. Hoje, com 68, ela conta que a mãe, Maria da Conceição Amaral, votou pela primeira vez naquele ano. Ela foi testemunha da empolgação da mãe, que comprou tecido e mandou a costureira fazer um vestido novo, especialmente para a data da votação. "Foi uma festa para ela. Tenho minha mãe como um exemplo de cidadania", afirma Elza.

Elza Divina assiste à propaganda eleitoral e analisa as propostas de cada candidato, por saber da importância que o voto dela tem para as novas gerações. Sem medo de novidades, ela conta que se adaptou rápido à urna eletrônica. "Para votar ficou mais prático e rápido, além de acontecerem menos fraudes", conclui.

A aposentada sente que seu voto é apenas um *empurrãozinho*. "Mas é um empurrãozinho muito úti", diverte-se Elza.



Direitos

Após sete anos tramitando no Congresso, o Estatuto do Idoso foi aprovado em setembro de 2003 e sancionado pelo presidente da República no mês seguinte, ampliando os direitos dos cidadãos com idade acima de 60 anos. Mais abrangente que a Política Nacional do Idoso, lei de 1994 que dava garantias à terceira idade, o estatuto instituiu penas severas para quem desrespeitar ou abandonar cidadãos da terceira idade. Confira alguns pontos:

Lazer, Cultura e Esporte. Todo idoso tem direito a 50% de desconto em atividades de cultura, esporte e lazer.

Trabalho. É proibida a discriminação por idade e a fixação de limite máximo de idade na contratação de empregados, sendo passível de punição quem o fizer.

Habitação. É obrigatória a reserva de 3% das unidades residenciais para os idosos nos programas habitacionais públicos ou subsidiados por recursos públicos.

issuu-downloader.com

Uma história de amor à política

Sarah Franciele
4º período de Jornalismo

Gerson Maia Brasil é um amante da política e carrega no seu nome uma homenagem à pátria. Desde pequeno, sabia que sua vocação para atos políticos não estava só no nome, mas também no sangue.

Natural do sul das Minas Gerais, é filho de Francisco Ferreira Maia, conhecido como Chiquito Maia, um agropecuarista que decidiu seguir os passos do avô e ingressou na carreira política, tornando-se prefeito da cidade de Passos. Aquela eleição trouxe o pequeno Gerson, na época com cinco anos de idade, para perto dos movimentos políticos.

Ele acompanhava seu pai nos compromissos políticos e suspirava nos palanques montados para discursos. "Lembro-me de quando tinha cinco anos. O palanque estava montado e cheio de pessoas. Eu ficava cheio de vontade de subir, porém, como era criança, tinha que ficar bem longe".

O menino Gerson cresceu e ingressou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no curso de Economia. Durante um ano, não teve contato com qualquer liderança política, até que conheceu um grupo de amigos e formou uma chapa para concorrer à presidência do Diretório Acadêmico (DA). "Essa época foi marcante para mim. A outra chapa já estava montada e se considerava eleita. Quando faltavam três dias para declarar a chapa vitoriosa, a minha chapa escolheu um líder de cada sala em toda universidade e formamos a segunda chapa. Fizemos cartazes e panfletos, saímos distribuindo por toda parte e ganhamos. Me tornei o presidente do DA", declara Gerson, com um sorriso no rosto e ar saudoso de satisfação.

Segundo Gerson, não foi fácil liderar vários alunos, na época repressiva da ditadura, quando não havia liberdade de expressão e a censura predominava. "Dois estudantes da minha sala sumiram. Ninguém sabe o que aconteceu com eles até hoje. Naquela época, as reuniões do DA eram *meio* secretas. Tudo o que conversávamos não podia sair de lá. Eu aconselhava cada integrante que não abusasse quando fosse a um bar beber e que nem procurasse chamar muita atenção, falando baixo e o menos possível".

Gerson lembra-se, hoje às gargalhadas, das cinco vezes que foi detido e de como escapou de cada prisão. "Íamos ao bar toda sexta-feira beber uns *guaranás* e quando já havíamos bebido muito, escapavam algumas palavras. Fui detido por cinco vezes, mas como sou muito expressivo, sempre alegava que era analfabeto e não sabia o que estava falando. Depois de tanto insistir na justificativa, eles me soltavam, sem me levar para prisão".

Vinte e um anos passaram-se após a ditadura. Gerson reside em Uberaba, é casado com Rosângela Mello Maia, com quem teve sua filha, Marieta Mello Maia. Atualmente, trabalha no Partido Republicano (PR). Atuando na política local, ele já participou de diversas campanhas, assessorando diferentes políticos.

Maia sempre fica nos bastidores. Nunca se candidatou e, hoje, aos 66 anos, representa seu candidato nos bailes para pessoas da terceira idade, onde expõe as plataformas e propostas, num bate-papo descontraído com os colegas. "Acho mais fácil falar com a melhor idade, do que com os jovens de hoje".

Como *filho de peixe, peixinho é*, a liderança política parece correr nas veias da família Maia.

Sua filha Marieta, de 19 anos, já trabalha como secretária na área da política e, se depender dele, será candidata a vereadora.

Foto: Sarah Franciele

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com